em questão
E-ISSN 1808-5245

A Organização do Conhecimento Indígena na produção de materiais educacionais dos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng

Juliana Akemi Andrade Okawati [I]
https://orcid.org/0000-0003-0681-0007

Rodrigo de Sales [I]
https://orcid.org/0000-0002-8695-9807

[I] Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como foco a Organização do Conhecimento Indígena, a partir da análise de materiais educacionais produzidos pelos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng no âmbito do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola. Inicialmente, apresenta-se um panorama da temática na Ciência da Informação e, em seguida, realiza-se um levantamento das produções elaboradas pelo Programa em Santa Catarina, entre 2014 e 2024. Com base na análise dessas obras, produzidas coletivamente pelas próprias comunidades indígenas, identificam-se seus formatos, suas características, línguas de publicação e temáticas abordadas, evidenciando modos próprios de organização e representação do conhecimento. Os resultados revelam o reconhecimento de categorias específicas de cada povo, fundamentadas no princípio da relacionalidade, que desafiam a lógica hegemônica historicamente presente na educação escolar indígena e abrem caminhos para práticas decoloniais que incidem sobre as disciplinas, o currículo e a própria estrutura escolar. Essa perspectiva também se projeta para o campo informacional, ao potencializar o desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento construídos a partir das bases epistemológicas dos próprios povos indígenas.

Palavras-chave: organização do conhecimento indígena; educação escolar indígena; recursos educacionais; currículo; decolonização

1 Introdução

Em linhas gerais, a Organização do Conhecimento (OC) pode ser compreendida como o campo dedicado ao estudo das teorias, práticas e metodologias que orientam a representação, a classificação e a recuperação da informação. Conforme demonstram Guimarães e Dodebei (2015), essa área emerge da necessidade histórica de sistematização filosófica e conceitual – um processo

que remonta à Antiguidade e se consolida em resposta à expansão informacional. Assim, o que antes se configurava como uma atividade de natureza eminentemente prática passou, a partir da segunda metade do século XX, a adquirir uma nova dimensão, ampliando seu campo de reflexão teórica e seu caráter interdisciplinar.

Nesse percurso histórico, os sistemas de classificação estruturaram-se com base no 'poder de nomear', o qual incidiu sobre os métodos de representação e organização do conhecimento, impondo-se como uma ordem pretensamente universal e estática a um mundo plural (Olson, 2002). Ainda que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação concentrem grande parte do debate sobre sua natureza, conceitos e posicionamentos – que refletem distintas compreensões acerca de seus fundamentos, objetos e finalidades (Guimarães; Dodebei, 2015; Sales, 2015) –, como adverte Hjørland (2008, p. 87, tradução nossa), "[...] não existe um 'universo do conhecimento' fechado que possa ser estudado pela Organização do Conhecimento de forma isolada das demais ciências que investigam a realidade".

Com base nesse entendimento, este trabalho assume uma perspectiva interdisciplinar que transcende o pragmatismo tradicional da área, alinhando-se aos estudos críticos e decoloniais que contestam os pressupostos universalizantes dos modelos hegemônicos de produção, organização e disseminação da informação (Garcez; Sales, 2022; Saldanha; Almeida; Silveira, 2022).

Assim, ao reconhecer os impactos da colonialidade sobre grupos historicamente silenciados, esta investigação volta-se para a pluralidade epistemológica dos povos indígenas, abordando a Organização do Conhecimento Indígena (OCI) como um campo de pesquisa promissor, mas ainda pouco explorado, especialmente no contexto brasileiro. Em contrapartida, esse debate apresenta maior maturidade na América do Norte, onde, desde a década de 1970, tanto a Biblioteconomia Indígena quanto a OCI (*Indigenous Knowledge Organizatio*n (IKO)) vêm impulsionando diversas iniciativas voltadas ao reconhecimento, à representação e à organização dos conhecimentos indígenas, incluindo o desenvolvimento de Sistemas de Organização do

Conhecimento (SOCs) fundamentados nas epistemologias dos próprios povos (Doyle, 2013; Menezes, 2023; Barité; Rauch, 2024).

Esses trabalhos evidenciam um dos principais dilemas da área: ao mesmo tempo que a padronização internacional dos SOCs favorece o compartilhamento global da informação, também contribui para a consolidação de perspectivas hegemônicas, invisibilizando outras epistemologias e modos de existência. Sob essa perspectiva, ao demonstrar que tais sistemas perpetuam a hierarquização dos saberes e a subordinação dos conhecimentos indígenas, a OCI consolida-se como uma prática política e ética que transcende sua dimensão técnica e se configura como instrumento de resistência e transformação social (Lee, 2011; Doyle, 2013).

Ao encontro dessa proposta de transformação, as pesquisadoras indígenas Sandra Littletree, Miranda Belarde-Lewis e Marisa Duarte (2020) apontam o princípio da relacionalidade como a estrutura central para a OCI. Longe de ser entendido como um simples elo entre termos, esse princípio assume um caráter ontológico e ético, exigindo atenção detalhada às múltiplas interações e aos desdobramentos que delas emergem. Embora as implicações dessas práticas ainda suscitem questionamentos e desafios, é certo que seu desenvolvimento demanda sensibilidade e atenção constante às intersecções de múltiplos sistemas de conhecimento, requerendo que a OCI opere por meio da articulação complexa de diferentes matrizes epistemológicas (Nakata, 2002).

A partir dessa premissa, busca-se uma articulação com a educação escolar indígena, compreendido aqui como um cenário estratégico de análise, visto que, embora a escola tenha atuado historicamente como instrumento de colonização desses povos, ela se consolida atualmente como um espaço de luta, resistência e reexistência, permitindo compreender como as comunidades indígenas vêm ressignificando esse campo de saber (Fidelis; Okawati, 2021; Okawati; Paula, 2023; Carvalho, 2023).

Segundo Josué Carvalho (2023), do povo Kaingang, a busca por uma educação específica, diferenciada, intercultural, bilíngue e multilíngue tem sido uma constante histórica desde a Constituição de 1988. Esse direito vem se consolidando por meio do protagonismo indígena e do reconhecimento de

epistemologias próprias, viabilizando a construção de modelos escolares interculturais que são atravessados por diferentes sistemas de conhecimento.

Dessa forma, tomando como referência a experiência com os povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng no âmbito da educação escolar indígena em Santa Catarina, este estudo busca compreender de que forma os professores indígenas têm enfrentado essa questão, especialmente por meio de produções próprias – livros, cartilhas e recursos educacionais – que expressam outras formas possíveis de conceber, representar e organizar os conhecimentos e saberes ancestrais em seus processos de ensino e aprendizagem.

Para isso, realiza-se um levantamento dos materiais educacionais publicados pela Ação Saberes Indígenas na Escola, a partir das atividades do Núcleo da Universidade Federal de Santa Catarina (ASIE - Núcleo UFSC) no período de 2014 a 2024, a fim de identificar seus formatos, títulos, línguas, anos de publicação e principais temáticas abordadas. Este exercício constitui uma etapa inicial na identificação de potenciais categorias de organização do conhecimento desses povos no contexto escolar, oferecendo subsídios para a formulação de futuras proposições capazes de orientar a elaboração de disciplinas, currículos e práticas pedagógicas culturalmente situadas.

De modo mais abrangente, para além das implicações diretas da Ciência da Informação, promover essa articulação com a Educação constitui um caminho estratégico para tensionar as estruturas hegemônicas que historicamente moldaram ambas as áreas, contribuindo para o desenvolvimento de propostas capazes de responder às reais demandas dos povos indígenas. Ainda que a decolonização não possa ser alcançada por uma única iniciativa e se configure como um processo contínuo, reconhecer essas inter-relações representa um passo significativo rumo à construção de projetos e ações comprometidos com a justiça social e epistêmica.

2 Organização do Conhecimento Indígena (OCI)

A Organização do Conhecimento Indígena constitui um campo emergente que reconhece protocolos e métodos próprios de representação e acesso à informação, fundamentados nos modos de saber e de existir dos povos

indígenas. Essa abordagem evidencia a centralidade das experiências, dos direitos, da autodeterminação e da soberania desses povos, reconhecendo simultaneamente a diversidade de suas comunidades e os impactos históricos de processos coloniais que moldaram e hierarquizaram seus conhecimentos sob uma lógica eurocêntrica (Littletree; Belarde-Lewis; Duarte, 2020).

A tese de Ann Doyle (2013), publicada há mais de uma década, revelou o histórico e a amplitude da discussão em torno da Organização do Conhecimento Indígena (OCI), sobretudo no contexto norte-americano, consolidando-se como uma das referências mais significativas sobre o tema. A autora parte da teoria da Interface Cultural, proposta por Martin Nakata (2002), indígena Torres Strait Islander, para reconhecer as interseções entre conhecimentos indígenas e sistemas de conhecimento ocidentais, os quais, ao entrarem em contato, são articulados e tensionados pelo conhecimento científico e institucional dominante.

Em seu estudo, realiza um mapeamento e demonstra que, por não se enquadrarem nos sistemas convencionais, diferentes propostas baseadas no conhecimento indígena emergem de iniciativas individuais e coletivas de povos indígenas voltadas à formulação de outros sistemas de organização e classificação. Doyle (2013) ainda destaca que, independentemente do modelo adotado – seja para sua renovação ou para sua substituição por outros sistemas classificatórios –, é fundamental respeitar princípios culturalmente apropriados, bem como metodologias e éticas próprias de cada contexto, valorizando os saberes indígenas.

Mais recentemente, a pesquisa de Menezes (2023) destacou um conjunto de ações desenvolvidas desde a década de 1970 que compõem uma espécie de cartografia informacional da Biblioteconomia Indígena e da própria OCI, dentre as quais se sobressaem aquelas orientadas pelo pensamento indígena:

> Uma cartografia informacional nativa também aponta para os processos e sistemas do campo da Organização do Conhecimento Indígena (OCI) a partir de iniciativas informacionais perspectivadas pelo pensamento indígena americano e mundial como o Subject Access and Classification Committee Wiki da AILA, o Library of Congress Subject Headings Related to Indigenous Peoples, o The Mashantucket Pequot Thesaurus of American Indian Terminology Project, o Maori Subject Headings Thesaurus (Nga Upoko

> Tukutuku), o Thesaurus of Australian Institute for Aboriginal and Torres Strait Islander Studies (AIATSIS), o First Nations Subject Headings, o Project Naming da Library and Archives Canada (LAC), a Indigenous Ontology das First Nations, Métis, and Inuit do Canadá e o Xwi7xwa Library Classification System, que é uma adaptação do Brian Deer Classification System (BDCS) (Menezes, 2023, p. 10).

Sem aprofundar cada uma dessas experiências, o panorama deixa claro que a Organização do Conhecimento Indígena (OCI) vem se consolidando por meio de projetos concentrados sobretudo na América do Norte, Austrália e Nova Zelândia. Esse mapeamento converge com as conclusões de Barité e Rauch (2024) ao apontar a escassez de experiências na América Latina, evidenciando, ao mesmo tempo, como tais iniciativas podem orientar ações e fomentar uma produção científica mais aderente às realidades locais.

No cenário nacional, embora o estudo de Albuquerque e Moraes (2023) identifique algumas pesquisas relacionadas à OCI que vêm fomentando reflexões importantes sobre os processos de injustiça epistêmica, observa-se ainda uma carência de perspectivas próprias dos povos indígenas para a problematização da temática, bem como um número reduzido de aplicações práticas.

Aqui, é preciso reconhecer que a criação autônoma de informações pelos próprios povos indígenas deve estar alinhada aos seus interesses. Isso implica incorporar outras metodologias, desafiando o domínio histórico de agentes interessados em manter seu poder sobre a produção documentária e informacional desses povos (Melo; Pimenta, 2018). Nessa direção, Barité e Rauch (2024) centram o debate na promoção da garantia indígena (*Indigenous warrant*) na OC, caracterizando-a como uma expressão de autoridade que se legitima pelos próprios povos indígenas de forma participativa.

Diante do entendimento de que as produções dos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng sustentam tal garantia, este trabalho apoia-se nas reflexões da educação escolar indígena que tem se consolidado não apenas de modo participativo, mas por meio do protagonismo desses povos como um caminho essencial para conceber outras formas possíveis de representação e organização de conhecimento, lançando luz sobre novas direções de (des)envolvimento teórico e prático da OCI.

3 Caminhos metodológicos

No plano dos procedimentos e da condução da pesquisa, destaca-se que a primeira autora deste artigo integra a equipe da ASIE – Núcleo UFSC há mais de uma década. Essa trajetória permitiu o acompanhamento direto dos materiais educacionais aqui analisados, os quais reverberam em diversas reflexões no âmbito da educação escolar indígena em Santa Catarina. A partir dessa inserção e de uma aproximação com o campo informacional, o levantamento e a análise documental constituem uma abordagem original e potente para discutir a OCI, buscando mapear o conjunto das produções próprias dos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng.

Para tanto, consideram-se dois aspectos principais. Primeiro, a análise abrange todos os materiais de acesso irrestrito publicados ou distribuídos pelo Programa e adotados nas escolas indígenas de Santa Catarina em sua primeira década de atuação (2014 a 2024). Obras mais recentes, embora continuem sendo lançadas, extrapolam o limite temporal estabelecido e foram desconsideradas nesta etapa da pesquisa. Em segundo lugar, a interpretação desses documentos requer a compreensão do contexto em que foram produzidos, o qual apresentamos e discutimos de forma delimitada, considerando as particularidades de cada povo (Wildemuth, 2017).

Dessa forma, iniciou-se pela identificação do formato dos materiais, de seus títulos, ano de publicação e idioma. Esses dados evidenciam o contexto linguístico de cada grupo, refletindo realidades históricas que influenciam as escolhas de cada povo quanto à língua e à forma de publicação desses materiais. Em seguida, identificou-se palavras-chave, a partir dos nos títulos, índices e descrições dos materiais que aparecem como eixos centrais de propostas didático-pedagógicas, para elaborar uma representação visual por meio de uma "nuvem de palavras" (*word cloud*), na qual a dimensão das palavras indica a frequência com que aparecem, oferecendo assim um panorama das temáticas mais recorrentes nos materiais.

Esses temas – a exemplo de ervas medicinais, alimentação e artesanato – oferecem uma perspectiva para compreender as potenciais categorias de

organização do conhecimento de cada povo sob a ótica da relacionalidade e de suas interações. Com isso, abrem-se caminhos para a formulação de propostas aplicadas, sejam elas disciplinares, curriculares ou voltadas ao desenvolvimento de outros SOCs.

As palavras são apresentadas conforme a língua original das publicações, sendo realizadas traduções ou associações com outros termos apenas nos casos em que os próprios materiais indicam seus correspondentes na outra língua. Nota-se que, embora a grande maioria dos materiais possa ser considerado bilíngue, a complexidade envolvida nas traduções impõe, em certa medida, limitações conceituais à plena compreensão dos sentidos originais.

Por último, cabe destacar que as temáticas aqui identificadas não constituem a totalidade dos elementos relevantes, tampouco pretendem resumir a complexidade cultural de cada povo. Elas evidenciam, contudo, uma estrutura de organização do conhecimento aplicada ao contexto específico da educação escolar indígena, configurando-se como parte de um processo contínuo de formação que se move de acordo com as demandas de cada território.

4 Levantamento e análise dos materiais educacionais ASIE

A Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), Instituições de Ensino Superior (IES) e Secretarias de Educação. Instituída pela Portaria nº 1.061, de 30 de outubro de 2013, e regulamentada pela Portaria SECADI/MEC nº 98, de 6 de dezembro de 2013. A iniciativa tem como objetivo promover a formação continuada de professores que atuam na educação escolar indígena na educação básica. O programa prevê a oferta de recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas (Brasil, 2013a, 2013b).

Com mais de uma década de atuação desde sua institucionalização nacional, a ASIE tem ampliado sua presença em todo o território brasileiro por meio da adesão de novas IES. Nesse cenário, a Portaria SECADI/MEC nº 37, de

8 de abril de 2025, redefiniu e atualizou as atividades do programa, instituindo a Rede de Colaboração da Ação Saberes Indígenas na Escola (ReCo-Asie). Atualmente, a ReCo-Asie envolve mais de cinquenta IES, em parceria com as secretarias de educação estaduais e municipais, que atuam nas escolas e nos territórios correspondentes a cada região (Brasil, 2025).

Em Santa Catarina, o Programa iniciou suas atividades em 2014, sob coordenação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o objetivo geral de:

> Favorecer o aprimoramento das atividades didático-pedagógicas de professores Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklãnõ em torno de práticas e saberes relacionados à temática Territórios de Ocupação Tradicional em Santa Catarina: Passado e Presente, fomentando ações que fortaleçam esses saberes e práticas e sirvam como base para a elaboração de atividades e materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens (Ação Saberes Indígenas na Escola, 2013).

Nesse cenário, ressalta-se que, ainda que antes da implementação da ASIE em Santa Catarina já fosse possível encontrar uma variedade de materiais didático-pedagógicos nas escolas indígenas do estado, grande parte deles era composta por produções não indígenas, que não representam plenamente o contexto e as propostas de educação dessas comunidades. Confrontando esse histórico de escassez e inadequação, o Programa produziu, ao longo de uma década, dezenas de materiais educacionais – entre livros, cartilhas, jogos, banners, vídeos e outros recursos didático-pedagógicos –, caracterizados pela autoria dos próprios povos indígenas, em colaboração com membros de suas comunidades (Fidelis; Okawati, 2021).

Não obstante, até o momento, não existe um levantamento sistematizado dessas produções, cuja relevância se evidencia pela diversidade de formatos e temas, os quais revelam formas específicas de transmissão do conhecimento dos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng. Ademais, compreender o contexto de criação dessas obras é fundamental para assegurar uma representação bibliográfica adequada e promover o amplo acesso à informação, possibilitando o reconhecimento dos contextos específicos em que o fenômeno

informacional indígena é produzido, bem como das finalidades a que se destina (Mello; Pimenta, 2018).

A seguir, focalizamos essa tarefa, conferindo ênfase às produções de materiais educacionais elaboradas por esses povos. Destaca-se ainda a existência de um expressivo e consistente referencial teórico, produzido por intelectuais indígenas desses povos, que aborda suas trajetórias. E, muito embora extrapole o escopo deste estudo, sua consulta tem grande valor para compreensão mais aprofundada e abrangente de suas histórias e complexidades epistemológicas[1].

4.1 Produções, temáticas e categorias Guarani

O povo Guarani, do tronco linguístico Tupi-Guarani, é um dos grupos mais numerosos no Brasil, encontrando-se em diversos estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA). Em Santa Catarina, a maioria é do subgrupo Mbya. Estão predominantemente localizados no litoral do estado, mas também ocupam outras áreas nas regiões central e extremo oeste. O povo Guarani preserva ativamente sua língua, elemento central na transmissão de conhecimentos e na comunicação, constituindo um dos mais significativos fundamentos de sua identidade (Instituto Socioambiental, 2022).

Neste trabalho, foram identificados dezenove materiais educacionais produzidos pela ASIE – Núcleo UFSC, publicados e distribuídos no âmbito da Educação Escolar Guarani em Santa Catarina durante o período de 2014 a 2024.

Quadro 1 - Produções Guarani (2014-2024)

Tipo de Produção	Título	Ano	Idioma
Livro	Tape Mbaraete Anhetengua: Fortalecendo o Caminho Verdadeiro	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Moã Regua: Plantas Medicinais	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Material de Apoio Pedagógico Tekoa Itanhaén	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Tekoa Vy´a, Pira Rupá e Mymba Roka: Material de Apoio Pedagógico	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Mbara Ete Anhetegua Mbya Arandú: Fortalecimento da Cultura Mbya Guarani	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Os Quatro Cantos Sagrados: Cartilha de Aprendizagem de Saberes Tradicionais	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Irundy Mborai Miri'im. Os Quatro Cantos Sagrados. Cartilha de Aprendizagem de Saberes Tradicionais	2018	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Arandu Mbaraete Rã	2019	Guarani
Caderno pedagógico	Mbya Ma'e Tỹ Regua	2019	Guarani
Caderno pedagógico	Menda Reko: Material Didático para os anos iniciais e finais	2019	Guarani
Caderno pedagógico	Moá Regua: Ervas Mediciais – Nhemongarai: Batismo das Ervas	2019	Guarani; Português
Caderno pedagógico	Nhembiapo Ipara'a Regua: Mitos e Arte Guarani	2019	Guarani; Português
Guia de Orientação	Portador de Necessidades Especiais	2019	Guarani; Português
Audiovisual	Ervas Medicinais Guarani	2017	Guarani; Português
Audiovisual	Nhemongarai – Tekoa Tarumã	2017	Guarani; Português
Audiovisual	Ma'ẽtý Hete'i: O Plantio Sagrado	2018	Guarani; Português
Audiovisual	Aldeia Vy'a, Mborai'i: O Canto Sagrado	2022	Guarani
Audiovisual	Mymba Roka, Nhandereko: O modo de ser Guarani Mbya	2022	Guarani
Jogo	Jogo do Mico: Animais	2022	Guarani

Fonte: Dados da pesquisa.

A produção Guarani tem como principal exemplar o livro *Tape Mbaraete Anhetengua: Fortalecendo o Caminho Verdadeiro* (Darella *et al.*, 2018a), que apresenta o *Documento Base Guarani* e expõe a perspectiva desse povo sobre a educação e a escola em suas aldeias, incorporando também as vozes de diferentes comunidades no estado de Santa Catarina. A memória

ancestral, expressa nas narrativas dos anciãos, evidencia o papel de mediadores da informação desempenhado pelos mais velhos na preservação e transmissão da sabedoria ancestral (Okawati; Karspinksi, 2024).

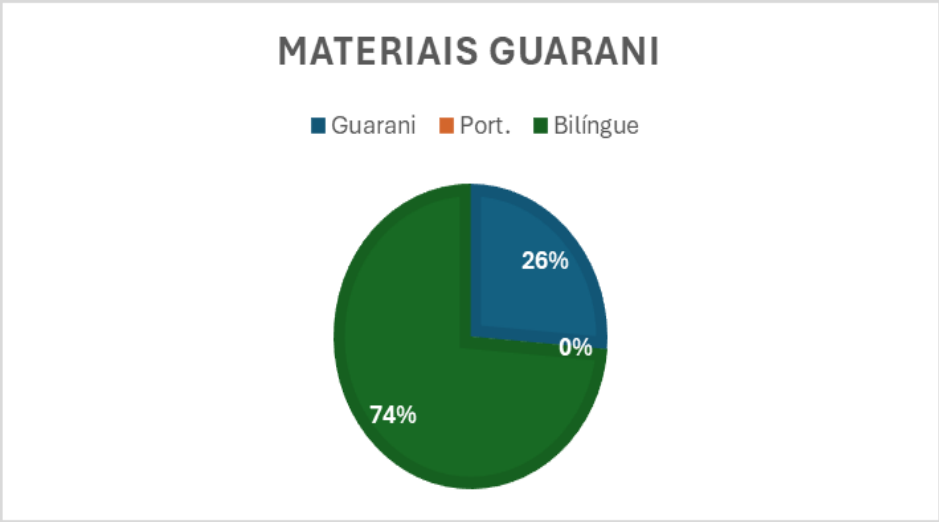
Além disso, o material apresenta o modelo ilustrativo *Nhandu Kya*, denominado "teia de saberes", que representa um esforço inicial para a elaboração de um modelo de Educação Escolar Guarani. Esse processo metodológico é discutido por Clarissa Melo (2024), que evidencia uma ação conjunta por meio da qual se expressa a visão holística desse povo – uma compreensão de educação que, ao envolver corpo, mente e espírito, articula-se também a diferentes conteúdos disciplinares.

Soma-se a esse material um conjunto de doze cadernos pedagógicos produzidos em contextos específicos, além de um guia destinado a pessoas com deficiência, que orientam o trabalho em diversos temas a partir de propostas didático-pedagógicas. Embora alguns materiais adotem a divisão disciplinar ocidental (ciências, matemática, línguas etc.) para apresentar propostas didático-pedagógicas, a grande maioria desses cadernos é estruturada a partir de eixos temáticos particulares a cultura.

Além disso, os materiais audiovisuais incluem registros de rituais, cantos, danças, territórios e conversas com anciãos, valorizando as práticas orais como meio de transmissão do conhecimento. Como material complementar, destaca-se o *Jogo do Mico e da Memória* (Guarani, 2019), que também pode ser adaptado como jogo da memória, apresentando 26 pares de cartas com imagens de animais da mata presentes na cultura e na cosmologia do povo Guarani.

Quanto à língua de publicação dos materiais, fica evidente a centralidade da língua materna de cada povo na transmissão de saberes e na preservação cultural. A aprendizagem orienta-se pelas práticas culturais, nas quais o português, embora presente, desempenha um papel complementar, conforme ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Língua de Publicação dos Materiais Guarani



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 1 evidencia que a maior parte dos materiais (74%) pode ser considerada bilíngue, reforçando a preocupação do povo Guarani em preservar sua língua materna, ao mesmo tempo em que promove o aprendizado do português. Nota-se que alguns materiais audiovisuais apresentam narrativas apenas na língua materna de seu povo (26%), enquanto nenhuma das produções pode ser considerada uma produção exclusivamente em português.

Em relação às temáticas abordadas pelos materiais educacionais, é importante destacar que o ensino da língua – como processo de alfabetização e letramento – vem sendo articulado por meio de diferentes abordagens, refletindo a lógica própria de organização do conhecimento desse povo. A aprendizagem orienta-se pelas práticas culturais, nas quais o português, embora presente, funciona como recurso complementar, permitindo a aproximação com contextos escolares formais sem comprometer a centralidade da língua Guarani.

A Figura 1 identifica as principais temáticas, estabelecendo uma relação com o termo em língua portuguesa. Contudo, essa correspondência não implica uma tradução literal de cada termo, mas reflete as associações descritivas indicadas nos próprios materiais.

Figura 1 - Temáticas dos Materiais Guarani



Fonte: Dados da pesquisa.

Descrição da Figura 1: O mapa de palavras ilustra as temáticas mais recorrentes nos materiais analisados: Xeramõi e Xejaryi (anciãos); Mborai Miri'im (canto, coral); Moã Régua (plantas medicinais); Ma'etỹ Régua (plantações, agricultura); Tembi'u Régua: (alimentação); Nhemongarai (ritual de batismo); Xondaro (guerreiro, dança); Mbya Rembiapo (artesanato); Yvyrupa (território); Kaxo (história, mitos); Ka'agyu pory (animais da mata); Ra'u (sonhos).

Ainda, ao examinar mais detalhadamente os conteúdos e as atividades propostas, para além dos títulos e índice, observam-se outros elementos importantes que se repetem em diferentes contextos. Por exemplo, as falas dos *xeramõi* e *xejaryi* – anciãos e anciãs, respectivamente – são frequentemente associadas à palavra *arandu*, que remete ao processo de transmissão da sabedoria ancestral, a *opy*, a casa de reza, espaço sagrado de seu povo e *Nhanderu,* entidade criadora. Identifica-se ainda elementos, como *petyngua*, o cachimbo, instrumento de grande valor simbólico e espiritual, entre outros que se articulam ao ato de eninar e à forma de viver no mundo – *Teko Nhembo'*e e *Nhande Reko* – do povo Guarani.

Diante da impossibilidade de aprofundar todos os termos e relações que compõem essa complexidade conceitual, o que podemos afirmar é que as temáticas identificadas atuam como temáticas importantes, configurando-se como potenciais categorias de organização dos conhecimentos no âmbito da Educação Escolar Guarani. Ressalta-se, contudo, que os conteúdos não contemplados nesta análise não são menos relevantes, mas frequentemente se configuram como desdobramentos dessas categorias mais amplas. Um exemplo elucidativo dessa interconexão é o *avaxí*, milho Guarani, presente de forma

transversal nas atividades relacionadas ao cultivo, à alimentação e aos rituais, reafirmando a relacionalidade como princípio da OCI.

4.2 Produções, temáticas e categorias Kaingang

O nome *Kaingang* significa "gente do mato" e seu povo está socialmente organizado em duas metades exogâmicas: *Kamé* e *Kairu,* que se opõem e se complementam. Os Kaingang pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê e também estão entre os povos indígenas mais numerosos do país, localizados na região sul (RS, SC, PR) e estão também no estado de São Paulo. Atualmente, devido ao processo colonial, o português aparece majoritariamente como primeira língua nas Terras Indígenas que concentram-se no extremo oeste de Santa Catarina (Instituto Socioambiental, 2022).

A seguir, são identificados 27 materiais educacionais produzidos pela ASIE – Núcleo UFSC, publicados e distribuídos no âmbito da Educação Escolar Kaingang em Santa Catarina entre o ano de 2014 e 2024. Nota-se que, embora nas Terras Indígenas do oeste do estado prevaleça a presença Kaingang, identificam-se também algumas aldeias guarani da região. Por essa razão, alguns materiais evidenciam essa relação, incluindo referências de ambos os povos.

Quadro 2 - Produções Kaingang (2014-2024)

Tipo de Produção	Título	Ano	Idioma
Livro	Kófa ag Jykre: Aprendendo com Anciões	2018	Kaingang; Português
Livro	Caderno de Relatos Pedagógicos de Professores Kaingang e Guarani do Oeste de Santa Catarina	2018	Kaingang; Português
Livro	Coleção Guerreiras Kaingang e Memória dos Anciões	2019	Kaingang
Caderno pedagógico	Alfabetização e Letramento Kanhgag	2019	Português
Caderno pedagógico	Kaingang, Índio com Cultura: Histórias e Conhecimentos	2019	Kaingang; Português
Caderno pedagógico	Saberes e Sabores Kaingang da TI Toldo Pinhal	2019	Kaingang; Português
Audiovisual	A Natureza e o Povo Kaingang	2017	Português
Audiovisual	Águas Santas	2017	Português
Audiovisual	Alimentação Tradicional Kaingang & Saúde Indígena	2017	Português
Audiovisual	Armas e Armadilhas Kaingang	2017	Português
Audiovisual	Artesanato Kaingang Confecção de Adornos	2017	Português
Audiovisual	Confecção de Vestes Kaingang	2017	Português
Audiovisual	O Caminho Das Araucárias	2017	Português
Audiovisual	Plantas Medicinais Kaingang - Preparo do Xarope 7 Ervas	2017	Português
Audiovisual	V Grande Encontro Kaingang - T.I. Kondá	2017	Kaingang; Português
Audiovisual	As História dos Anciões: O surgimento do povo Kaingang	2018	Português
Audiovisual	Canção Kanhgág - Pirã. História de Luta Pela Conquista do Toldo Pinhal	2018	Português
Audiovisual	Preparo do Kumi - Toldo Pinhal	2018	Kaingang; Português
Audiovisual	Valorização da Cultura Kaingang: Alimentação	2018	Português
Audiovisual	Valorização da Cultura Kaingang: Artesanato	2018	Português
Audiovisual	VI Grande Encontro Kaingang - T.I. Toldo Imbu	2018	Kaingang; Português
Audiovisual	TI Xapecó X Marco Temporal	2022	Português
Banner	Alimentação Kaingang	2018	Português
Banner	Anciãs Kaingang	2018	Português
Banner	Artesanato Kaingang	2018	Português
Banner	O Marco Temporal e TI Xapecó	2022	Português

Fonte: Dados da pesquisa.

Os materiais literários produzidos pelos povos Kaingang e Guarani da região oeste de Santa Catarina, como o livro *Kófa ag Jykre: Aprendendo com Anciões* (Darella *et al*., 2018b) e o *Caderno de Relatos Pedagógicos de Professores Kaingang e Guarani do Oeste de Santa Catarina* (Darella *et al*., 2018c), apresentam informações sobre Terras Indígenas, escolas indígenas e experiências docentes em sala de aula, valorizando a biografia dos anciãos dessas comunidades. Nesses registros, as vozes dos mais velhos contribuem para a formulação de propostas formativas, enfatizando a necessidade de resistência em prol do futuro das próximas gerações (Okawati; Karspinksi, 2024).

A coleção de livros e cadernos pedagógicos apresenta uma diversidade de formatos, entre os quais se destaca o uso da literatura de cordel, gênero literário composto por poesias em versos elaboradas por estudantes durante atividades da ASIE e publicadas como homenagem às sábias indígenas. A coleção reúne, ainda, produções elaboradas por integrantes do povo Kaingang, incluindo materiais com atividades e exercícios destinados especialmente ao aprendizado da língua Kaingang. Esses materiais propõem atividades didático-pedagógicas que articulam teoria e prática a partir de eixos temáticos relacionados à cultura desse povo.

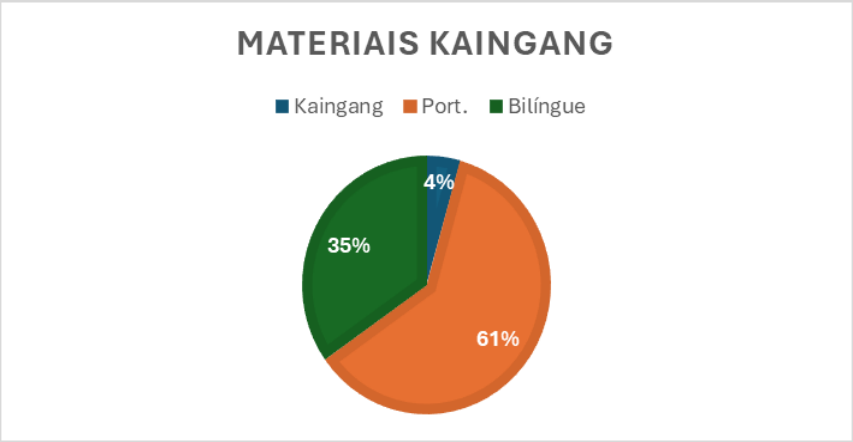
Esses temas são reafirmados pelos materiais audiovisuais, que apresentam conteúdos concisos, com registros de práticas culturais orientadas por anciãos ou lideranças comunitárias, evidenciando a práxis no contexto da educação escolar indígena. Além daqueles que possuem foco pedagógico – como o preparo de alimentos, o uso de ervas medicinais, as vestimentas e o artesanato –, destacam-se os registros dos eventos de "Grande encontros" que reúnem narrativas de membros das comunidades, lideranças, professores e estudantes, refletindo e discutindo sobre a educação escolar indígena. Por último, o vídeo *TI Xapecó X Marco Temporal* (2021) refere-se ao Projeto de Lei 490/2007 (Brasil, 2007), que discute a restrição do direito dos povos indígenas à terra. Trata-se de um material histórico e também político desenvolvido pelos professores com a intenção de fortalecer a luta pelos territórios tradicionais.

Os quatro banners apresentam de maneira simples e ilustrativa práticas que incluem: alimentação; artesanato; biografias das anciãs responsáveis por

transmitir esses saberes; e, finalmente, um documento que apresenta a história da Terra Indígena Xapecó, destacando imagens que representam a resistência histórica do povo Kaingang, que se estende até a luta contra o Marco Temporal.

O Gráfico 2 revela as línguas de publicação desses materiais:

Gráfico 2 - Língua de Publicação dos Materiais Kaingang



Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que a maioria dos materiais está publicada em língua portuguesa (61%), o que evidencia o uso predominante dessa língua nas comunidades. A exceção é a Aldeia Kondá, a única no estado em que o Kaingang ainda se mantém como primeira língua. O material *Alfabetização e Letramento Kaingang* (Silva *et al.*, 2018) é resultado do trabalho dessa comunidade e, por essa razão, é o único que não apresenta nenhuma referência em língua portuguesa.

Quanto aos materiais bilíngues (35%), destaca-se o esforço de traduzir os conteúdos, ainda que parcialmente, para a língua Kaingang, o que permite tanto a professores quanto a estudantes estabelecer correlações linguísticas e culturais. Contudo, esse processo evidencia desafios importantes. Embora os materiais expressem de forma explícita a preocupação com a valorização da língua indígena, a predominância do português aponta para uma assimetria que reflete as heranças coloniais ainda presentes na Educação Escolar Kaingang. Essa lacuna – marcada pela ausência de traduções completas ou de correspondências terminológicas consistentes – limita o fortalecimento da língua materna como instrumento epistemológico e identitário.

A Figura 4 apresenta algumas das principais temáticas identificadas nos materiais analisados, com base em seus títulos e índices, predominantemente em língua portuguesa.

Figura 2 - Temáticas dos materiais Kaingang



Fonte: Dados da pesquisa.

Descrição da Figura 2: O mapa de palavras ilustra as temáticas mais recorrentes nos materiais analisados: Kofá (anciãos); Kamé & Kaihru (marcas familiares); Plantas Medicinais; Artesanato; Alimentação; Canto; Vestes; Armadilhas; Território; Canções; História; Animais.

O termo em *Kofá*, que se refere aos anciãos, aparece nos títulos dos materiais e é mencionado diversas vezes ao longo dos textos. Destacam-se também os termos que aludem às "marcas" identitárias desse povo – as metades exogâmicas *kamé* e *kaihru* –, relacionadas à história e à memória do grupo. Outros assuntos recorrentes incluem: alimentação; ervas e plantas medicinais; armas e armadilhas; animais; artesanato; canto; vestes; mitos; e território. No que se refere a este último, a noção de território revela-se complexa, articulando dimensões geográficas e políticas, mas também corporais e espirituais, que expressam e sustentam a história e a memória de cada povo (Biazi; Padilha, 2021).

Ainda que aqui não seja possível aprofundar a análise de cada uma das atividades propostas pelos materiais educacionais, é pertinente destacar a presença de elementos que atravessam e interconectam diferentes categorias, revelando uma dinâmica de relacionalidade da OCI. Um exemplo expressivo é o das marcas familiares, que além de definirem a identidade de cada pessoa – refletida na confecção dos artesanatos (*kamé*: traços longos e abertos; *kaihru*:

formas fechadas e circulares) –, também se manifestam na classificação de plantas, animais e outros elementos do mundo natural, evidenciando a relacionalidade dessas temáticas.

4.3 Produções, temáticas e categorias Laklãnõ-Xokleng

O povo Laklãnõ-Xokleng também pertence à família Jê. Atualmente, possui uma população de pouco mais de duas mil pessoas que sobreviveu a um intenso processo de massacre. Devido a este contato, muitos aspectos culturais, inclusive a língua original, foram impactados e por muito tempo deixaram de ser praticados. Sua comunidade está localizada majoritariamente na Terra Indígena Ibirama, na região do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina (Instituto Socioambiental, 2022).

A produção do povo Laklãnõ-Xokleng é particularmente significativa, pois, diferentemente dos Guarani e Kaingang, que são grupos numerosos e ocupam outras regiões do Brasil, o povo Laklãnõ-Xokleng vive em um contexto singular, sem registro de materiais próprios produzidos em outros territórios.

Observa-se que, ao longo do desenvolvimento das atividades da ASIE, foram realizadas quinze produções de materiais educacionais publicados e distribuídos no âmbito da Educação Escolar Laklãnõ-Xokleng, em Santa Catarina, durante o período de 2014 a 2024.

Quadro 3 - Produções Laklãnõ-Xokleng (2014-2024)

Tipo de Produção	Título	Ano	Idioma
Livro	Ãg tõ Laklãnõ-Xokleng ãg jákle vãnhló zi kũ: ãg jóba mẽ óg jávãn kũ tõ óg ze jógpalag jã – Consciência Laklãnõ-Xokleng em ação: Jeitos de ensinar e aprender na Terra Indígena Laklãnõ	2018	Xokleng; Português
Livro	Dén ũ Ãg vẽ Ki lánlál – Minidicionário Cultural	2019	Xokleng; Português
Livro	Laklãnõ/Xokleng óg nõdẽg Jó kaklál to vãnh lánlál vã – lIustrações e textos Laklãnõ/Xokleng	2019	Xokleng; Português
Livro	Laklãnõ/Xokleng óg tõ ũn ki vãnhõ kótotã Jó – pontos de referência na Terra Indígena Laklãnõ	2019	Xokleng; Português
Livro	Vãnhlánlál te ve kũ óg jópalag keÃgzẽn djó kabel vã, to a jákle han djé. Material de apoio pedagógico: propostas, relatos e experiências Laklãnõ/Xokleng	2019	Xokleng; Português
Audiovisual	Consciência Laklãnõ-Xokleng em Ação	2017	Xokleng; Português
Audiovisual	Experiências da Educação Escolar Laklãnõ-Xokleng durante a pandemia de COVID-19	2023	Xokleng; Português
Banner	Mapa Cosmológico Laklãnõ-Xokleng	2023	Português
Banner	Vogais, alfabetos e dígrafos Laklãnõ-Xokleng	2023	Xokleng; Português
Banner	Mito de Origem Laklãnõ-Xokleng	2023	Xokleng; Português
Banner	Marcas da Onça - Laklãnõ-Xokleng	2023	Xokleng; Português
Banner	Taquara Laklãnõ-Xokleng	2023	Xokleng; Português
Banner	Cantigas Laklãnõ-Xokleng	2023	Xokleng; Português
Banner	Corpo Laklãnõ-Xokleng: Parte I	2023	Xokleng; Português
Banner	Corpo Laklãnõ-Xokleng: Parte II	2023	Xokleng; Português

Fonte: Dados da pesquisa.

Primeiramente, destaca-se o livro *Ãg tõ Laklãnõ-Xokleng ãg jákle vãnhló zi kũ: ãg jóba mẽ óg jávãn kũ tõ óg ze jógpalag jã: Consciência Laklãnõ-Xokleng em ação: Jeitos de ensinar e aprender na Terra Indígena Laklãnõ* (Darella *et al*., 2018d), um material denso que apresenta a história de resistência do seu povo. A obra inclui depoimentos de diversos membros da comunidade,

que refletem sobre múltiplos aspectos históricos e culturais. Nesse contexto, evidencia-se novamente a relevância das diferentes linguagens para o fortalecimento da memória ancestral (Okawati; Karspinksi, 2024).

O livro *Dén ũ Ãg vẽ Ki lánlál: Minidicionário Cultural* (Tschucambang *et al.*, 2019) é uma referência de valorização da língua do povo Lakãnõ-Xokleng que realiza a tradução de palavras e sentenças culturalmente contextualizadas. Os demais materiais literários são apresentados como materiais de apoio pedagógico, compreendendo propostas, relatos e experiências voltados aos professores em sala de aula, com o objetivo de oferecer subsídios para atividades práticas e orientações didático-pedagógicas, especialmente no contexto da alfabetização e letramento na língua do seu povo.

Quanto ao material audiovisual *Consciência Laklãnõ-Xokleng em Ação* (Ação Saberes Indígenas na Escola, 2022), trata-se de um registro de narrativas que resume os primeiros anos de atuação da ASIE. Já o vídeo *Experiências da Educação Escolar Laklãnõ-Xokleng durante a pandemia de covid-19 (*Ação Saberes Indígenas na Escola, 2023), apresenta os depoimentos dos professores sobre os desafios e as estratégias para a educação escolar entre os anos de 2020 e 2021, marcados pela pandemia.

Os oito banners atendem uma demanda escolar para facilitar o aprendizado, especialmente no que se refere à alfabetização e à numeração na língua do povo. Além disso, abordam temas já trabalhados em outros materiais literários e audiovisuais.

A seguir, o Gráfico 3 destaca a relação da língua de publicação desses materiais, demonstrando a prevalência de materiais bilíngues.

Gráfico 3 - Língua de Publicação dos Materiais Laklãnõ-Xokleng



Fonte: Dados da pesquisa.

Evidencia-se que praticamente todos os materiais (93%) podem ser considerados bilíngues, embora a maioria apresente apenas traduções parciais e associações limitadas entre as línguas. Apenas um único material foi publicado exclusivamente em português.

No contexto Laklãnõ-Xokleng, também marcado por um histórico colonial que inibiu o uso da língua materna, observa-se, atualmente, uma forte mobilização em prol do fortalecimento da língua do povo. Assim, o aprendizado se articula a outros elementos culturais, reafirmando a interdependência entre língua, conhecimento e práticas socioculturais.

A Figura 3 demonstra as principais temáticas abordadas nos materiais educacionais analisados.

Figura 3 - Temáticas dos Materiais Laklãnõ-Xokleng



Fonte: Dados da pesquisa.

Descrição da Figura 3: O mapa de palavras ilustra as temáticas mais recorrentes nos materiais analisados: Anciãos; História e Contos; Território; Vãnh hón (marcas familiares); Kujan (corpo); Ag jãn (alimentação, culinária tradicional); Vãnhkágtó (ervas e medicina indígena); Káple

(artesanato); Kute (meio ambiente); Ãgglan (cerimônia, ritual); Vãjig (armadilhas); Vandji (pescaria).

A maior parte das palavras aparece tanto em português quanto na língua do povo Laklãnõ-Xokleng, com algumas exceções. Termos como anciãos, território, história e contos aparecem em destaque e, embora não apresentem traduções ou associações diretas, são temas utilizados como referência para o aprofundamento de outros aspectos da cultura. Temáticas como marcas familiares, alimentação e culinária tradicional, ervas e medicinais, artesanato, armadilhas, pescaria, corpo, cerimônias e rituais funcionam como eixos estruturantes para os exercícios e as propostas didático-pedagógicas, que, por vezes, apresentam elementos comuns entre si. Por exemplo, o *Mõg*, bebida sagrada, é mencionado em histórias, atividades sobre alimentação, rituais e cerimônias, demonstrando esse elemento em relacionalidade a outras práticas.

Novamente, não se tem aqui a pretensão de abarcar toda a complexidade que envolve a cultura Laklãnõ-Xokleng, mas, a partir da descrição dos materiais, parece importante destacar que muitas práticas foram profundamente impactadas, primeiramente, pelo contato com o não indígena em 1914 e, posteriormente, pela construção da Barragem Norte na Terra Indígena, na década de 1960 – ambos marcos significativos, frequentemente rememorados como referenciais que explicam os limites impostos à plena realização de suas práticas culturais.

Ainda, conforme assinalam Juliana Machado, Lays Conceição e Walderes Priprá (2025), arqueóloga Laklãnõ-Xokleng, para esse povo, o passado está à frente, e não atrás, evidenciando que a linearidade temporal e as classificações materiais tradicionais limitam uma compreensão da historicidade e da temporalidade indígena. As autoras destacam também o teatro e a construção de cenários nas escolas como recursos de ensino-aprendizagem e formas de resistência contemporânea, demonstrando que, para além dos materiais educacionais da ASIE aqui analisados, existem outros meios igualmente relevantes que, embora escapem ao escopo deste estudo, constituem caminhos promissores para investigações no campo da educação escolar indígena.

4.4 Síntese e discussão dos resultados

Considerando o conjunto das produções da ASIE – Núcleo UFSC em Santa Catarina, ao longo de uma década de atuação (2014-2024), observa-se o seguinte panorama: 19 produções Guarani, 26 Kaingang e 15 Laklãnõ-Xokleng, totalizando 60 materiais educacionais utilizados nas escolas indígenas do estado. Em relação aos formatos, destacam-se 24 materiais literários – entre livros e cadernos pedagógicos –, 23 produções audiovisuais e 13 materiais em outros formatos, como banners e jogos.

Essa pluralidade de materiais criados e desenvolvidos pelos próprios povos indígenas evidencia a preocupação com o fortalecimento da língua tradicional de cada povo – seja como língua materna, como no caso dos Guarani, ou como segunda língua, como ocorre com os Kaingang e os Laklãnõ-Xokleng. Esse entrelaçamento linguístico revela uma forma de mediação intercultural, que busca preservar o sentido original dos conceitos próprios, ao mesmo tempo em que os associa a conceitos da língua portuguesa. Além disso, muitos materiais trazem a transcrição de falas dos anciãos, demonstrando que os saberes indígenas e suas formas de expressão, orais ou escritas, estão profundamente interconectados, reforçando que a produção e transmissão do conhecimento indígena ocorre de maneira integrada e relacional. Como lembra o escritor indígena Daniel Munduruku (2018), hoje em dia, a escrita indígena é uma afirmação da oralidade.

Em outros estudos que investigam mais profundamente essas relações, destaca-se que a memória ancestral, transmitida pelos mais velhos das comunidades, constitui o ponto de partida para uma abordagem integral dos saberes indígenas, os quais se manifestam, hoje em dia, na escola, ao articular teoria e prática (Okawati; Karspinksi, 2024). A análise dos materiais confirma o papel central dos anciãos, que sustentam uma estrutura capaz de transcender barreiras disciplinares. Independentemente da temática – alimentação, ervas medicinais, arte, território, rituais, entre outros –, esses saberes se articulam em torno de projetos práticos guiados pelas vozes desses sábios e sábias indígenas, mesmo em contextos institucionais ainda marcados por estruturas coloniais (Littletree; Balarde-Lewis; Duarte, 2020).

5 Conclusão

O levantamento realizado evidencia a amplitude e a relevância do trabalho desenvolvido pela ASIE ao longo de dez anos de atuação, assinalando uma inflexão significativa na produção de materiais educacionais indígenas em Santa Catarina. A autoria coletiva indígena não representa apenas uma mudança na criação de conteúdos, mas uma transformação epistemológica que reposiciona as comunidades como protagonistas na produção, organização e representação de seus próprios saberes, constituindo um ponto de partida para o reconhecimento da OCI.

Ao identificar categorias emergentes em suas estruturas e ressaltar elementos-chave das formas de organização do conhecimento dos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, evidencia-se que, apesar das particularidades inerentes a cada contexto, há uma convergência no modo como os saberes indígenas são aplicados a projetos práticos, nos quais teoria e prática se articulam de forma integrada em propostas concretas de ensino e aprendizagem.

Tal perspectiva contrasta significativamente com a lógica disciplinar ocidental, cuja imposição perpetua a dissociação e a hierarquização dos saberes. Em oposição a essa fragmentação, que rompe os vínculos com uma compreensão holística do conhecimento, a educação escolar indígena – concebida a partir das perspectivas de seus próprios povos – revela-se como um espaço interdisciplinar, intercultural e intergeracional. A relacionalidade é o fundamento central para compreender as múltiplas tecituras que constituem esses territórios que, em sua complexidade, nos ensinam a nos vermos como parte da Terra, e não como donos dela.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para a formulação de futuras pesquisas que reconheçam e integrem as epistemologias dos povos indígenas, fortalecendo uma articulação decolonial entre a Ciência da Informação e a Educação, promovendo a participação ativa das comunidades na produção e organização de seus conhecimentos.

Financiamento

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Código de Financiamento 001.

Referências

ALBUQUERQUE, Ana Cristina; MORAES, Marco Antonio. A organização e representação do conhecimento indígena a partir de um estudo nas publicações da área de ciência da informação no Brasil. *In*: ENCUENTRO DE DIRECTORES Y DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 12-13., 2023, Montevideo. **Anais** [...]. Montevideo: Udelar, 2023. v. 1, p. 1-15.

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA (ASIE). Núcleo SC. **Consciência Laklãnõ-Xokleng em Ação: jeitos de ensinar e aprender na TI Laklãnõ**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022. 1 vídeo (24 min 54s).

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA (ASIE). Núcleo SC. **Experiências da Educação Escolar Laklãnõ-Xokleng durante a pandemia de covid-19 (2020-2021)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2023. 1 vídeo (25 min).

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA (ASIE). Núcleo SC. **Sobre a ASIE**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA (ASIE). Núcleo SC. **TI Xapecó X Marco Temporal**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2021. 1 vídeo (53 min).

BARITÉ, Mario; RAUCH, Mirtha. Native peoples and knowledge organization: perspective from the indigenous subject representation to promote Latin American approaches. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 51, n. 8, p. 626-641, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.5771/0943-7444-2024-8-626. Acesso em: 18 set. 2026.

BIAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha; PADILHA, Jandaíra Belino. Corpo território: o conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang. **Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 199-221, 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 490, de 20 de março de 2007**. Altera a Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, que dispõe sobre o Estatuto do Índio. [Regulamenta o art. 231 da Constituição Federal, para dispor sobre o reconhecimento, a demarcação, o uso e a gestão de terras indígenas]. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.061, de 30 de outubro de 2013. Institui a Ação Saberes Indígenas na Escola. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 156, n. 212, p. 44, 31 out. 2013a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Portaria nº 98, de 6 de dezembro de 2013. Regulamenta a Ação Saberes Indígenas na Escola e define suas diretrizes complementares. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 156, n. 238, p. 28, 9 dez. 2013b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão. Portaria nº 37, de 8 de abril de 2025. Define as diretrizes complementares para a implementação da Ação Saberes Indígenas na Escola e institui a Rede de Colaboração da Ação Saberes Indígenas na Escola – ReCo-ASIE. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 68, 9 abr. 2025.

CARVALHO, Josué. Educação escolar como direito e projetos de futuro indígena. *In*: FLEURI, Reinaldo M.; OKAWATI, Juliana A. A. (orgs.). **Decolonizar a Educação**: entretecer caminhos de Bem Viver. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 69-83.

DARELLA, Maria Dorothea Post *et al*. (orgs.). **Tape mbaraete anhetengua**: fortalecendo o caminho verdadeiro. Florianópolis: UFSC, 2018a.

DARELLA, Maria Dorothea Post *et al*. (orgs.). **Kófa ag Jykre**: aprendendo com Anciões. Florianópolis: UFSC, 2018b.

DARELLA, Maria Dorothea Post *et al*. (orgs.). **Caderno de relatos pedagógicos de professores Kaingang e Guarani do Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2018c.

DARELLA, Maria Dorothea Post *et al.* (orgs.). **Ãg tõ Laklãnõ-Xokleng ãg jákle vãnhló zi kũ**: ãg jóba mẽ óg jávãn kũ tõ óg ze jógpalag jã - Consciência Laklãnõ-Xokleng em ação: jeitos de ensinar e aprender na Terra Indígena Laklãnõ. Florianópolis: UFSC, 2018d.

DARELLA, Maria Dorothea Post; MACHADO, Juliana Salles; ZEA, Evelyn Martina Schuler (orgs.) **Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco**: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Kaingang. Florianópolis: Edições do Bosque, 2020.

DOYLE, Ann Mary. **Naming, claiming, and (re)creating**: Indigenous knowledge organization at the cultural interface. 2013. Dissertation (Doctor of Philosophy in Educational Studies) - Faculty of Graduate Studies, The University of British Columbia, Vancouver, 2013.

FIDELIS, Adroaldo Antonio; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade. A práxis na educação escolar Kaingang. *In*: FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana Akemi Andrade (orgs.). **Pedagogias e narrativas decoloniais**. Curitiba: CRV, 2021. p. 93-105.

GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo. Decolonizando a organização do conhecimento: um olhar do periódico Knowledge Organization (2000-2020). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 14, p. 1-21, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.59289/5zy53b59. Acesso em: 18 set. 2026.

GUARANI. **Jogo do Mico e da memória**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. 1 jogo manual. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/207306. Acesso em: 22 set. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (orgs.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015.

HANAZAKI, Natália *et al*. (orgs.). **Kuri'y Zág Fág**: ensino e natureza. Florianópolis: Edições do Bosque, 2021a. v. 1.

HJØRLAND, Birger. What is knowledge organization (KO)? **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.5771/0943-7444-2008-2-3-86. Acesso em: 18 set. 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil**. São Paulo: ISA, 2022.

LEE, Deborah. Indigenous Knowledge Organization: a study of concepts, terminology, structure and (Mostly) Indigenous voices. **Partnership: The Canadian Journal of Library and Information Practice and Research**, Ontário, v. 6, n. 1, p. 1-33, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.21083/partnership.v6i1.1427. Acesso em: 18 set. 2026.

LITTLETREE, Sandra; BELARDE-LEWIS, Miranda; DUARTE, Marisa Elena. Centering relationality: a conceptual model to advance Indigenous Knowledge Organization practices. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 47, n. 5, p. 410-426, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5771/0943-7444-2020-5-410. Acesso em: 18 set. 2026.

MACHADO, Juliana Salles; CONCEIÇÃO, Lays Cruz; PRIPRÁ, Walderes Coctá. Teatros de si: memórias e histórias Laklãnõ Xokleng performadas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 20, n. 2, p. 1-18, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0036. Acesso em: 18 set. 2026.

MACHADO, Juliana Salles; DARELLA, Maria Dorothea Post; ZEA, Evelyn Martina Schuler (orgs.) **Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco**: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Laklãnõ-Xokleng. Florianópolis: Edições do Bosque, 2020.

MELO, Clarissa Rocha. Tecendo teias de conhecimentos: experiência de inclusão de saberes indígenas nas escolas Guarani do Sul do Brasil. **Revista Educación, Política y Sociedad**, Madrid, v. 9, n. 2, p. 128-148, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.15366/reps2024.9.2.005. Acesso em: 18 set. 2026.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Os repositórios públicos do Estado brasileiro e a construção da autonomia informacional dos povos indígenas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 47, n. 2, p. 100-109, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.18225/ci.inf.v47i2.4286. Acesso em: 18 set. 2026.

MENEZES, Vinícios Souza. Biblioteconomia indígena: tramas encantadas pela terra viva. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 28, n. Dossiê esp., p. 1-22, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e92861. Acesso em: 18 set. 2026.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura. O reencontro da memória. *In*: DORRICO *et al*. (orgs.). **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Fi, 2018.

NAKATA, Martin. Indigenous knowledge and the cultural interface: underlying issues at the intersection of knowledge and information systems. **IFLA Journal**, Berlin, v. 28, n. 5/6, p. 281-291, 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1177/034003520202800513. Acesso em: 18 set. 2026.

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; PAULA, Valmor Vehnrá Mendes. Uma aula intercultural crítica: aprendendo com um ancião Kaingang. *In*: FLEURI, Reinaldo M.; OKAWATI, Juliana A. A. (orgs.). **Decolonizar a Educação**: entretecer caminhos de Bem Viver. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 85-101.

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; KARPINSKI, Cezar. Narrativas indígenas: um caminho decolonial para compreender a memória e informação. **Transinformação**, Campinas, v. 36, p. 1-14, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e2410646. Acesso em: 18 set. 2026.

OLIVEIRA, Silvia Maria *et al*.(orgs.). **Projetos interdisciplinares para o ensino médio indígena**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2021.

OLSON, Hope A. **The power to name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

SALDANHA, Gustavo Silva; ALMEIDA, Tatiana; SILVEIRA, Naira (orgs.). **Teorias críticas em organização do conhecimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

SALES, Rodrigo. A relação entre organização do conhecimento e ciência da informação na comunidade científica brasileira: uma investigação no âmbito da ISKO Brasil. *In*: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (orgs.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015. p. 73-84.

SILVA, Celestiel da *et al.* (orgs.). **Alfabetização e letramento Kaingang**. Florianópolis: UFSC, 2018.

TSCHUCAMBANG, Josiane de Lima *et al.* (orgs). **Dén ũ Ãg vẽ Ki lánlál**: minidicionário cultural. Florianópolis: UFSC, 2019.

WILDEMUTH, Barbara M. Existing documents and artifacts as data. *In*: WILDEMUTH, Barbara M. (ed.). **Applications of social research methods to questions in information and library science**. 2. ed. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2017. p. 165-172.

ZEA, Evelyn Martina Schuler; DARELLA, Maria Dorothea Post; MACHADO, Juliana Salles (orgs.). **Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco**: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Guarani. Florianópolis: Edições do Bosque, 2020.

ZEA, Evelyn Schuler *et al*. (orgs.). **Kuri'y Zág Fág**: culturas e memórias. Florianópolis: Edições do Bosque, 2021b. v. 2.

Indigenous Knowlegde Organization in the educational materials of the Guarani, Kaingang and Laklãnõ-Xokleng peoples

Abstract: This study focuses on Indigenous Knowledge Organization, based on the analysis of educational materials produced by the Guarani, Kaingang, and Laklãnõ-Xokleng peoples within the scope of the Ação Saberes Indígenas na Escola Program. Initially, an overview of the topic within Information Science is presented, ollowed by a survey of the materials produced by the Program in Santa Catarina between 2014 and 2024. Based on the analysis of these works, collectively produced by the Indigenous communities themselves, their formats, characteristics, languages of publication, and topics addressed are identified, revealing Indigenous approaches to the organization and representation of knowledge. The results reveal the recognition of categories specific to each people, grounded in the principle of relationality, which challenge the hegemonic logic historically present in Indigenous schooling and open pathways for decolonial practices that impact school subjects, curricula, and institutional structures themselves. This perspective also extends to the information field by fostering the development of Knowledge Organization Systems built upon the epistemological foundations of Indigenous peoples themselves.

Keywords: indigenous knowledge organization; indigenous school education; educational resources; curriculum; decolonization

Declaração de autoria

Concepção e elaboração do estudo: Juliana Okawati; Rodrigo de Sales
Coleta de dados: Juliana Okawati

Análise e interpretação de dados: Juliana Okawati
Redação: Juliana Okawati
Revisão crítica do manuscrito: Juliana Okawati, Rodrigo de Sales

Declaração de disponibilidade de dados

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo pode ser solicitada aos autores (ver autoria para correspondência).

Autoria para correspondência

Juliana Akemi Andrade Okawati
julianaokawati@gmail.com

Editor-chefe

Thiago Henrique Bragato Barros

Como citar

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; SALES, Rodrigo de. A Organização do Conhecimento Indígena na produção de materiais educacionais dos povos Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 32, e-151500, 2026. DOI: https://doi.org/10.1590/1808-5245.32.151500

Parecer(es) aberto(s):
https://doi.org/10.1590/1808-5245.32.151500A

https://doi.org/10.1590/1808-5245.32.151500B

Recebido: 10/11/2025
Aceito: 30/07/2026

Copyright (c) 2026 Juliana Akemi Andrade Okawati, Rodrigo de Sales. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribuição 4.0 Internactional. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0), que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria. Os artigos são de acesso aberto e uso gratuito.

[1] Ver: Zea; Darella; Machado (2020); Darella; Machado; Zea (2020); Machado; Darella; Zea, (2020); Hanazaki *et al*. (2021); Zea *et al*. (2021); Oliveira *et al*. (2021c).